

CONVERSANDO COM AS CRIANÇAS SOBRE SEU PAI E SUA MÃE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Luíza Tomazetti Scholz^{*}

Ana Luíza Xavier Scremin^{**}

Cristiane Bottoli^{***}

Vanessa Fontana da Costa^{****}

Resumo: Este trabalho é baseado em um estudo com vinte e cinco crianças, em média com nove anos de idade, estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola particular do interior do Rio Grande do Sul. Com a intenção de identificar a visão destas crianças sobre o seu pai e sobre a sua mãe, foi utilizada a técnica do Desenho Estória (D-E), onde livremente elas desenharam e contaram histórias da realidade com seu pai e sua mãe. Após, os desenhos e histórias foram analisados graficamente e significativamente através da Análise de Conteúdo. A partir do material produzido entende-se que os papéis de pai e mãe na visão delas têm muitas semelhanças com o papel socialmente definido e esperado tradicionalmente. Sendo a mãe a principal responsável pelos cuidados diários como casa, banho e comida, e o pai o responsável pelas atividades mais prazerosas, de lazer e como principal provedor do lar. Algumas diferenças significativas foram percebidas com relação à realidade de crianças que tem os pais separados. Entende-se assim que este é um tema que necessita ser mais falado e refletido, pois o desenvolvimento das crianças está envolto nestas relações com pai e mãe, independente de quem assuma este lugar.

Palavras-chave: Criança. Família. Maternidade. Paternidade.

Introdução

O presente relato é o resultado de uma experiência de extensão do curso de psicologia de uma instituição privada de ensino superior, que objetivou identificar a visão de crianças entre 8 e 9 anos, sobre o pai e a mãe, através da técnica do desenho história, em uma escola privada, no interior do Rio Grande do Sul.

^{*} Acadêmica de Psicologia do Centro Universitário Franciscano. E-mail: hanascholz@gmail.com

^{**} Psicóloga. Aluna egressa do Centro Universitário Franciscano. E-mail: a.luiza.xavier@hotmail.com

^{***} Mestre em Psicologia e Docente do Centro Universitário Franciscano. E-mail: cbottoli@hotmail.com

^{****} Acadêmica de Psicologia do Centro Universitário Franciscano. E-mail: vfc_vanessa@yahoo.com.br

Pretende-se através deste breve estudo, elucidar aspectos referentes à opinião das crianças sobre os papéis que estas vivenciam no que se refere ao pai e a mãe. A partir de uma técnica projetiva composta por desenhos livres com o recurso de contar uma história sobre os mesmos, relacionando teoricamente com autores que discutem a temática da paternidade e da maternidade na atualidade. Visto que, a qualidade das relações estabelecidas em família interfere diretamente no desenvolvimento das crianças, além disso, a relação entre pais e filhos, é modelo, a principal matriz para a construção de vínculos com as outras pessoas.

Entende-se a importância deste tema em função das transformações ocorridas nas famílias nas últimas décadas, principalmente no que se refere ao lugar do pai e da mãe dentro deste contexto e na relação com os filhos. As formas de ser pai e ser mãe, ou seja, a parentalidade ganhou novas configurações, principalmente em função de exigências culturais e sociais, que levaram o pai e a mãe a se ocupar de outras tarefas e funções, na sociedade, em casa e com os filhos. É no espaço familiar que se constrói o sujeito, e este é inserido em uma cadeia representacional de gerações e relações.

Diante desta realidade, visualiza-se uma reconfiguração nas relações familiares, que em alguns momentos gera conflitos e dúvidas, influenciando diretamente na visão que as crianças têm sobre o pai e sobre a mãe e no vínculo que estabelecem com os mesmos. Daí a importância de refletir sobre todas estas transformações no exercício da parentalidade nos dias de hoje e os reflexos no desenvolvimento das crianças.

1 Desenvolvimento

Participaram deste estudo vinte e cinco crianças, de ambos os sexos, em média com nove anos de idade, estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola particular do interior do Rio Grande do Sul, que de forma voluntária contribuíram com a proposta, após autorização, por escrito, da escola e dos pais ou responsáveis.

Para execução das atividades do projeto foi utilizada a técnica do Desenho Estória (D-E), que consiste na produção de desenhos livres, seguidos de histórias também livres, sendo a temática definida de acordo com os objetivos da pesquisa (TRINCA & TARDIVO, 2007). Sendo assim, para esta prática foi solicitado aos participantes que fizessem uma sequência de três desenhos seguidos de uma história, primeiramente sobre sua família e após sobre o seu pai e a sua mãe, nesta ordem. Não sendo definido o conteúdo do que seria feito, mas apenas o tema a ser desenvolvido por eles. A aplicação ocorreu em grupo, na sala de aula, em horário

de aula disponibilizado, pela escola para a atividade, com a presença da professora responsável pela turma. Neste trabalho serão analisados os dados referentes ao pai e a mãe.

Posteriormente foi realizada uma análise das informações obtidas através do Desenho-Estória utilizando-se da Análise de conteúdo (BARDIN, 2004) e de uma Análise gráfica (TRINCA & TARDIVO, 2007). Primeiramente, foram descritas e analisadas as produções individuais de cada aluno, no seu aspecto gráfico e de significado, e posteriormente, foi realizada uma análise geral de todo o material, destacando o que foi mais significativo e recorrente nas produções individuais e analisando-as coletivamente. A partir desta análise foram definidas categorias destacando aspectos específicos que serão discutidos neste trabalho, e que atendem os objetivos propostos; o primeiro item consiste na perspectiva da criança sobre as mães, e o segundo, diz respeito às perspectivas sobre o pai.

O trabalho realizado faz parte de um Projeto de Extensão (PROBEX) vinculado ao Centro Universitário Franciscano, “Refletindo sobre a parentalidade e a separação conjugal: trabalhando com grupos”. A extensão como uma prática acadêmica objetiva principalmente interligar a universidade com as demandas da sociedade, como resposta ao compromisso social a que se propõe, contribuindo para a transformação da sociedade.

Foram respeitados os critérios éticos estabelecidos para Pesquisas em Psicologia com Seres Humanos, contidos na Resolução Nº 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e do Conselho Nacional de Saúde, Resolução Nº 466/2012, garantindo ao participante o anonimato e o sigilo das informações.

2 Resultados

A partir do levantamento de dados dos desenhos e estórias desenvolvidos pelas crianças e da análise gráfica e de conteúdo, correlacionando com a realidade social e familiar na atualidade, foram desenvolvidas duas categorias, que serão discutidas à luz da teoria revisada.

2.1 Como vejo a minha mãe

Ao falarem da mãe, tanto no desenho quanto nas estórias, as crianças a identificaram como alguém que ajuda, relacionando-a com os cuidados em situações específicas, como nas tarefas domésticas e com relação à alimentação e higiene dos filhos. Ou seja, cuidados essenciais e obrigatórios para a vida diária, e que são, de forma geral, associados geralmente à

figura da mãe e mulher. De acordo com Cia, Prette e Pamplin (2006), essas atividades que são fundamentais para o desenvolvimento dos filhos (alimentação, higiene e educação escolar) ainda são fortemente atribuídas às mães. Porém, em alguns casos, o pai assume tais tarefas, tendo um efeito positivo para as crianças, fazendo com que ele saia do lugar exclusivo de mero provedor financeiro para alguém mais ativo na criação dos filhos, mas, pode-se observar que ainda a obrigação em executar tais funções continua sendo atribuída às mães, o que ficou claro através da percepção das crianças que participaram do estudo.

Entende-se que tais atribuições ao papel da mãe são resultado de uma evolução histórica e cultural, que vem se modificando gradualmente, ou seja, o lugar que a mulher ocupava apenas como reprodutora e criadora, vai dando espaço para outras caracterizações do ser mulher e ser mãe, de acordo com suas necessidades e com as exigências sociais e familiares. Transformações estas que vem ocorrendo de modo gradual, mas se comparado às últimas décadas, atualmente são mais visíveis e identificáveis, principalmente com relação ao seu papel dentro da família, na relação com o marido e com os filhos.

Porém, apesar de todas estas modificações nos papéis e relações familiares, as crianças, do presente estudo, ainda descreveram a figura materna como alguém muito “útil”, referindo-se as atitudes ligadas aos cuidados básicos, corroborando com a concepção da figura da mãe mais tradicional, como principal responsável pelos filhos, dedicando-se totalmente a eles e sendo fundamental para sua existência (BORBA & FEIL, 2008).

Essas características corroboram com a ideia de que a mulher e mãe ainda é colocada como um elemento agregador imprescindível, responsável pela unidade familiar e por sua sobrevivência, ou seja, a visão social da mulher como mãe executando tarefas essenciais para a manutenção familiar ainda prevalece na maior parte dos casos.

Outra característica atribuída pelas crianças da pesquisa, à figura materna, é a imposição de limites, por vezes sendo a mãe definida como “braba” e “nervosa”. Salienta-se que tais descrições foram observadas com mais frequência nas famílias cujos pais são separados, sendo estas monoparentais ou não, pois, nestes casos, as responsabilidades quanto aos cuidados e a educação acabam por sobrecarregar aquele que possui a guarda da criança, que na sua grande maioria recai sobre a figura das mães. Para Cia, Prette e Pamplin (2006) o papel social de autoridade é destinado ao pai, porém muitas vezes a mãe acaba assumindo a administração da casa e o cuidado dos filhos de forma integral, sendo esta mais desafiada pelos filhos, assumindo assim, uma postura mais autoritária e educativa.

No que se refere à diferenciação entre as figuras materna e paterna, o que se destacou foi o modo de representação nos desenhos, pois, em sua maioria, os pais foram retratados seguindo certo padrão de tamanho e conteúdo, porém nos casos em que isso não ocorreu, a mãe foi retratada consideravelmente maior que o pai, o que pode ser associado ao papel social destinado a mulher, devido a sua importância dentro de casa e no cuidado com os filhos, como foi exposto anteriormente, sendo ela fundamental para o funcionamento familiar, e como referência para os membros deste grupo social.

Winnicott (1983) chama a atenção para o fato de que a mãe precisa estar atenta ao limite destes cuidados, pois o envolvimento materno em determinado momento precisa abrir espaço para que esta mulher cuide de si mesma e saiba a hora de se abster deste papel que lhe é destinado. Porém abrir mão desta posição não é uma tarefa fácil, principalmente em uma sociedade que ainda atribui à mulher um “dom natural” e uma necessidade de ser mãe, e ao mesmo tempo cobra dela o desempenho de diversos outros papéis. Para Maluf (2012), a maternidade para a mulher aparece como inerente, associada sempre a coisas boas e nunca questionada, mesmo que o foco seja a vida profissional, podendo gerar algumas dificuldades na criação dos filhos.

E essa visão ficou evidenciada tanto nas histórias quanto nos desenhos produzidos pelas crianças, que refletem claramente que a mãe continua sendo a principal cuidadora e responsável pela casa. O que responde a uma demanda e a um apelo social e mais tradicional de família, e que parece ainda ser fortemente vivenciado no dia a dia, independentemente de sua configuração e estrutura familiar.

2.2 Como vejo o meu pai

Com relação às percepções sobre a figura paterna, as crianças, na sua maioria definiram o pai como sério, autoritário e mais brabo que a mãe, o que pode ser consequência do lugar assumido pelo pai contemporâneo diante dos filhos, tendo uma postura mais ativa na sua educação e nos limites, podendo muitas vezes ser visto de modo ameaçador. Para Freud (1923), um pai que “se apresenta mais” para os filhos é importante, pois esta é uma de suas funções, fazer o papel de castrador, impondo-se enquanto o terceiro elemento na relação estabelecida entre a mãe e a criança, para que ocorra um desenvolvimento psíquico saudável.

Pois, enquanto a ideia da mulher, como mãe inata e instintual, permanece muito forte socialmente, o papel masculino em contexto parental tem sofrido grandes alterações, de

acordo com Cia et al (2006), o homem está superando o papel que lhe foi destinado socialmente de um mero provedor, envolvendo-se cada vez mais no cuidado para com os filhos. Porém ainda prevalece o estereótipo destinado ao pai, associado as regras e aos limites, em posição de autoridade no contexto familiar, muitas vezes desprovido de afeto e contato mais próximo com os filhos.

Outra característica atribuída à figura paterna e representada pelas crianças, é a imagem do pai como alguém forte, valente, demonstrando admiração por ele e associando-o a atributos de super-heróis ou figuras midiáticas idolatradas, como jogadores de futebol, sendo um pai mais idealizado. Pode-se fazer uma associação com o grande pai totêmico trazido por Freud (1913), que se refere ao ideal de pai que é idolatrado e santificado, um pai perfeito e poderoso, muito mais uma projeção do que um pai real. Por outro lado, em grande parte das produções, tanto das histórias, quanto dos desenhos, as crianças associaram o pai a atividades prazerosas como presentes, brincadeiras, e descreveram-no como alguém alegre e engraçado, o seu pai real.

Este pai real, representado pelas crianças, tanto nos desenhos quanto nas histórias, elucida para o que os estudos nesta área indicam, uma participação mais regular dos pais na vida dos filhos, porém ainda com uma divisão de responsabilidades, onde eles se ocupam, muitas vezes, em proporcionar atividades ligadas ao lazer, e às mães, atividades ligadas a rotina da casa (horário de dormir, hábitos de higiene) (CIA et al, 2006). E nesta divisão de tarefas, pré-programadas ou não, pode haver uma interferência mais direta na percepção da criança sobre seu pai, na exacerbação da fantasia (idealização), e no consequente relacionamento dela com o mesmo.

Em casos mais específicos, como na separação conjugal, o pai, que muitas vezes ocupa o lugar de visitante, pode usar a diversão como uma ferramenta de vínculo e conquista. Para Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), o pai pode buscar também uma convivência de maior qualidade quando está com seus filhos, para compensar sua ausência diária. Sendo que, a separação, muitas vezes, interfere muito mais na relação pai e filho, do que dos mesmos com a mãe, até porque a maioria permanece no convívio materno.

Assim, nos casos onde os pais eram separados, os desenhos das crianças, apresentaram uma alteração na representação paterna, ou seja, o pai não era representado no desenho sobre a família ou era desenhado separado e mais distante, nos textos também traziam referências sobre isso, sempre carregadas de afeto e demonstrações de saudades. Souza (2000) fala sobre

as alterações nas relações pessoais em casos de separação conjugal, descrevendo como primeiras mudanças o afastamento do pai e a aproximação da criança com a família materna.

Além disso, merece destaque o fato de que, muitos pais na atualidade, demonstram grande desejo de estarem mais próximos dos filhos, em uma relação mais afetiva, indo além das tradicionais tarefas de impor limites e prover, o que também é reconhecido pelos filhos, e sutilmente foi percebido nos desenhos e histórias produzidos. Além disso, ser pai, mesmo em diferentes contextos, implica em ser mais participativo, em diversos momentos do desenvolvimento dos filhos, indo além do que se espera de um pai mais tradicional (STAUDT & WAGNER, 2011).

Nesta categoria ficou evidente as diferentes percepções que as crianças tem sobre seu pai, fortemente influenciadas pelas transformações já destacadas anteriormente, com relação ao papel paterno, principalmente no que diz respeito ao convívio e aproximação com os filhos, sendo que em algumas realidades se apresenta um pai mais envolvido e efetivamente presente, e em outras realidades uma distância, uma ausência, e muitas vezes uma certa dificuldade de expressar como o percebem. Além disso, ainda permanece visões mais tradicionais deste papel e a forte interferência da separação conjugal, sendo os filhos muitas vezes privados do contato com o pai.

Conclusões

A paternidade e a maternidade, e conseqüentemente as relações familiares, são processos complexos e multi influenciados, que se redefinem e se reconstróem historicamente, culturalmente e socialmente, numa interação de forças individuais e subjetivas. Isso torna as relações familiares cada vez menos generalizáveis, pois cada vivência humana parte de uma subjetividade e pertence a um determinado contexto (STAUDT & WAGNER, 2011), o que foi destacado também no presente estudo.

Também foram percebidas algumas diferenças nas visões das crianças sobre seu pai e sua mãe, através dos desenhos e das histórias produzidas. Estas impressões diferenciadas são esperadas, pois, primeiramente estão relacionadas aos estereótipos que tão claramente a sociedade vivencia e reforça, através dos conceitos que se tem de pai e mãe, e dos lugares que são ocupados por estes dentro do universo familiar. Ou seja, na maioria das vezes, à mãe cabe o lugar dos cuidados essenciais, e das responsabilidades básicas no que se refere ao dia a dia dos filhos, e, ao pai, ainda prevalece à crença de que ele deve ser o provedor, o forte, mais

distante no que se refere aos cuidados e à educação dos filhos, mantendo um contato mais próximo através de atividades exclusivamente prazerosas.

Além disso, identificou-se uma associação direta feita pelas crianças, relacionando as atividades que executam com seus pais com a descrição pessoal dos mesmos, assim, pai presente em atividades prazerosas é visto como legal e engraçado, já a mãe que desempenha os cuidados diários e exige mais, é vista com “braba”. Através destas conclusões entende-se que é de extrema importância refletir sobre as posições assumidas pelos pais diante dos filhos, no dia a dia, pois é através destas experiências que os mesmos perceberão seus pais e se relacionarão com eles, emitindo desde cedo um juízo de valor. Ao mesmo tempo foi possível visualizar nos desenhos e nas histórias, características que os filhos identificam no pai e na mãe, que dizem respeito exclusivamente a experiências diferenciadas de paternidade e maternidade, que mostra uma abertura tanto do grupo familiar quanto das crianças em aceitar este “novo jeito de ser”.

Outro fator que pode alterar consideravelmente a relação pais e filhos é a separação conjugal, pois esta de certa forma interfere diretamente na execução do papel parental, seja ele materno ou paterno. Enquanto a mãe, que em geral possui a guarda dos filhos, é vista de forma ainda mais essencial na vida dos filhos, por, ainda na maioria dos casos, assumir as responsabilidades pelos mesmos, o pai, em geral, acaba sendo descrito como mais distante, participando pouco do cotidiano das crianças e reforçando a concepção de pai divertido, que acaba compensando com atividades diferentes e bens materiais.

Refletir sobre tais questões é de grande relevância, pois é evidente a grande influência da relação interpessoal entre os pais, sejam eles casados ou divorciados, e das atividades desempenhadas com as crianças, para o vínculo dos mesmos com seus filhos. Percebeu-se claramente esses elementos na presente pesquisa, visto que as crianças participaram ativamente de todas as atividades propostas, motivados e na maioria das vezes sabendo o que dizer, emitindo suas percepções e opiniões de forma bastante envolvente e interessada, muitas vezes sem muitos pré-conceitos antes de desenhar ou contar “sua história”.

Ao finalizar este trabalho, entende-se que é urgente que a revisão dos conceitos construídos e carregados sobre a família e suas relações, abrindo a possibilidade para reavaliar os parâmetros quando estamos diante das famílias que convivemos diariamente. Este “novo” olhar fará surgir outros elementos nesta relação ampliando a visão e os entendimentos do que realmente define uma família e os fenômenos que a compõem.

Pois, indubitavelmente, na família se dá o ingresso na cultura, e é na relação com as figuras parentais que a criança será habilitada a se constituir como sujeito diante de outros sujeitos por meio, inicialmente da identificação materna, e da intervenção paterna. Daí em diante, o resultado em maior ou menor grau de sucesso, no sentido de um viver saudável, dependerá da configuração que se elaborou, desde quando o sujeito começou a fazer parte de sua teia familiar, e das relações estabelecidas a partir daí.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BORBA, J.C.; FEIL, C.F. **O papel da mulher no contexto familiar**: uma breve reflexão. Portal dos Psicólogos, 2008.

CIA, F.; PRETTE, Z.A.P.; PAMPLIN, R.C.O. Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. **Revista Paidéia**: São Paulo. 16(35), 395-406, 2006.

CIA, F.; PEREIRA C.S.; PRETTE, Z.A.P.; PRETTE, A.D. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá. v. 11, n. 1, p. 73-81, jan/abr. 2006.

DANTAS, C.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Revista Paidéia**, 14(29), p. 347-357, 2004.

FREUD, S. A Organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. (1923). In: FREUD, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol XIX.

_____. Totem e Tabu (1913). In: FREUD, S. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol XIII.

MALUF, V. **Mulher, trabalho e maternidade**: uma visão contemporânea. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

STAUDT, A.C.P.; WAGNER, A. A vivência da paternidade em tempos de diversidade. In: WAGNER, A. e col. **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. São Paulo: Artmed, 2011.

SOUZA, R. M. Depois que Papai e Mamãe se Separaram: um relato dos filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 16, n. 3, pp. 203-211, Set-Dez 2000.

TRINCA, W.; TARDIVO, L. Desenvolvidos do processo de desenhos-estórias (D-E). In: CUNHA, J.A. **Psicodiagnóstico**: V (pp.428-438). Porto Alegre: Artmed, 2007.

WINNICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.